



ENTRE FIDÚCIA E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO ATOR DA ENUNCIÇÃO EM FAKE NEWS

Leonardo Chaves Ferreira¹
Carolina Lindenberg Lemos²

RESUMO

O presente trabalho tem como desiderato investigar, segundo a perspectiva da semiótica discursiva de base greimasiana, como os efeitos de sentido que estão na base do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário contribuem para a construção da identidade do ator da enunciação em “fake news”. Desse modo, empregamos por base teórica o percurso gerativo do sentido, mobilizando também discussões acerca do conceito semiótico de “contrato fiduciário”, o qual é elemento central para o entendimento da construção da identidade. A presente proposta de trabalho debruça-se sobre três peças desinformativas relativas ao assunto “política”, conforme o apurado pela agência checagem “Lupa”, mais especificamente as fake news sobre o atentado ocorrido no dia 13 de julho de 2024 contra o candidato à presidência dos Estados Unidos, Donald Trump. Essas fakes tornaram-se interessantes à análise pretendida não somente pela sua frequência, em termos de checagem, mas também pelo conteúdo a que se pretendiam propagar. Mais do que falar sobre o atentado e a vítima, as fakes direcionaram-se para assuntos sobre as causas do atentado e a descrição do agressor. Pelos resultados, observou-se que o enunciador da fake news constrói seu enunciado exercendo um fazer persuasivo para fazer-criar ao enunciatário e, nesse processo, a construção da sua identidade envolve procedimentos narrativos e figurativos que constroem o outro como intolerante.

Palavras-chave: FAKE NEWS; ENUNCIÇÃO; SEMIÓTICA DISCURSIVA; IDENTIDADE.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA, Discente,
leonardochavesferreira@gmail.com¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA, Docente, carolina.lemos@ufc.br²

INTRODUÇÃO

Ao encarmos, a partir da teoria semiótica, que a verdade no discurso enunciado é configurada a partir da inscrição de marcas veridictórias entendidas a partir dos fazeres dos actantes em interação, compreendemos que aceitar a verdade de um discurso envolve um contrato fiduciário e, conseqüentemente, um reconhecimento entre enunciador e enunciatário.

No caso das fake news, Ferreira (2023) mostra como o diálogo intersubjetivo entre os actantes da enunciação tem em vista não somente seu poder de convencimento de uma “verdade”, mas também um efeito de pertencimento a uma “verdade”. Daí a construção de estratégias constantemente baseadas em um antagonismo; em um “outro” em oposição a um “nós”, já que se busca, pelas estratégias, uma assimilação entre enunciador e enunciatário, identificados entre si, formando um “nós” em relação a “eles”/“outros”. Essa constatação é relevante, uma vez que a busca por uma identidade entre os actantes da enunciação é crucial para que as fake news se propaguem em larga escala.

No presente trabalho, portanto, temos como objetivo principal analisar como os efeitos de sentido que estão na base do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário contribuem para pensarmos sobre a identidade do ator da enunciação em fake news.

METODOLOGIA

Para, então, dar conta de nossa proposta, partiremos para a análise de fake news sobre o assunto política. A definição do que são as fake news é uma questão em aberto. Como semioticistas, então, apoiamos-nos também no discurso para a determinação do que deve ser considerado falso. A definição do fake usa, assim, o discurso jornalístico de investigação para referendar como falsas as notícias analisadas.

As peças desinformativas que constituem nosso corpus foram constatadas enquanto falsas pela Agência Lupa, uma agência de notícias especializada em fact-checking. Como é de se imaginar, ao pesquisarmos no site da agência as fake news sobre o tema “política”, inúmeros textos apareceram. Dentre esses textos, chamou a nossa atenção a recorrência de fake news sobre o atentado ocorrido no dia 13 julho contra o candidato à presidência dos Estados Unidos, Donald Trump.

Essas fakes tornaram-se interessantes à análise pelo conteúdo que pretendiam propagar. Mais do que falar sobre o atentado e a vítima, as fakes direcionaram-se para assuntos sobre as causas do atentado e a descrição do agressor. Além disso, já que propomos uma análise que visa a intermediação entre fides e identidade, as fakes sobre o atentado a Donald Trump tornam-se relevantes pela maneira como constroem esse sujeito-objeto “agressor”, distanciando-se desse sujeito-objeto construído e apontando uma alteridade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos nas análises algumas estratégias que tem a sua base no contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário. Dessa forma, o enunciador da fake news constrói seu enunciado exercendo um fazer persuasivo para fazer-criar ao enunciatário. O princípio da identidade nesse processo parece envolver os procedimentos narrativos e figurativos que marcam a alteridade do sujeito-objeto construído no enunciado.

Desse modo, o agressor é figurativizado no primeiro texto como “antifacista”, no segundo como um “ativista LGBT”, no terceiro como um “ex cadete” comunista. Essa figurativização, mais do que fazer-criar sobre o agressor, busca no plano da enunciação instaurar uma identidade em detrimento de uma alteridade pela

probabilidade que o sujeito-objeto agressor tem (dentro do universo de valor compartilhado entre enunciador e enunciatário) em se confirmar como um “ativista”, um “extremista” ou um “comunista”.

Nessa instância, o “agressor” é aquilo que o ator da enunciação não é. Isso explica um pouco do princípio de identidade que rege as fake news e a sua propagação. Em um jogo manipulatório, elas seduzem pois o enunciador ao disforizar o ponto de vista do “outro” euforiza o seu ponto de vista, simulando-o no discurso como sendo a sua própria posição de enunciação. Para Fontanille (2007), tudo se ordena em torno da posição da instância do discurso, trata-se de construir e de formular essa posição, mas também de aceitá-la, adotá-la, recusá-la, rechaçá-la ou de deslocá-la. Tanto para o enunciatário como para o enunciador, mais do que fazer circular mensagens (compartilhar), é preciso que essa circulação esteja a favor de um posicionamento, um pertencimento, que situa esse discurso em relação aos outros discursos para construir uma significação.

CONCLUSÕES

A partir dos resultados coletados, observa-se a construção de um enunciador que, pela abstração de determinadas oposições, possui uma identidade discursiva que não se alia aos “antifa”, às causas LGBT’s e ao Comunismo. Como, então, delimitar essa identidade? Acreditamos que, conforme Barros (2015), estamos diante da construção de uma identidade intolerante do outro, que pressupõe, por oposição, uma identidade benevolente do enunciador. O percurso narrativo do sujeito agressor sanciona negativamente o seu oposto e, por isso mesmo, a negação de uma alteridade intolerante implica em um identidade mais emanada, benevolente e contramedida.

Os discursos intolerantes são regidos pelas sanções pragmáticas e cognitivas e insistem na exclusão do diferente, por terem formações ideológicas diferentes do grupo a que o “eu/nós” pertence. Dessa forma, o objeto “agressor” é construído no enunciado como um sujeito que, possuindo uma matriz ideológica (“antifa”, “ativista”, “comunista”) vai contra um sistema de valores que parece ser pressuposto positivamente pelo ator da enunciação (“nacionalismo cristão”).

A identidade benevolente do ator da enunciação vai, assim, construindo-se a partir da negação da alteridade intolerante. Tal como explica Barros (2015), nos discursos intolerantes, os temas e as figuras estão relacionados à oposição semântica fundamental identidade versus alteridade. Os temas e figuras, dessa forma, trazem ao sujeito “agressor” as marcas de sua inserção sócio-histórica e ideológica. No caso das fake news, temas como biografia e o perfil político do sujeito-objeto agressor são recobertos por figuras como “extremista”, “antifa”, “ativista”, “comunismo”, “Che Guevara”.

Partindo da premissa do contrato fiduciário, nosso trabalho teve como objetivo analisar como os efeitos de sentido gerados por essa relação intersubjetiva contribuem para a construção da identidade do ator da enunciação. Pelos resultados, observamos que as estratégias possuem uma base fiduciária, pois visavam a (1) crença no dito e (2) a confiança no dizer. Dessa forma, em (1), a construção narrativa e o seu recobrimento figurativo para desenhar um sujeito-objeto “agressor” no enunciado soma-se, em (2), a manipulação que rege a troca intersubjetiva na enunciação. Nesse último ponto, a sedução implícita subjaz as peças desinformativas, já que ao construir a imagem negativa do outro, o ator da enunciação constrói para si uma imagem positiva. Por esse motivo, o contrato é aceito, o enunciador busca tornar o enunciatário um co-enunciador competente pois compartilha com ele uma mesma identidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro à



minha bolsa de doutorado, o que tornou possível a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Leonardo Chaves. A construção persuasiva das fake news sobre Covid-19 em uma perspectiva semiótica. 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

DE BARROS, Diana Luz Pessoa. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. Cadernos de estudos linguísticos, v. 58, n. 1, p. 7-24, 2016.